

27.04.1947

DEZENOVE JOVENS PINTORES

(Conclusão da última página).

refletem a triste realidade nordestina. Alguns desenhos mostram o quanto é desenvolvido e firme o seu traço. Dotado de forte personalidade, compondo bem e amando o colorido forte, já se pôde dizer que sua estada em nossa capital conseguiu atenuar um pouco o espalhafatoso de suas telas — espalhafatoso que chegou a fazer com que alguém as comparasse a cartazes. Aldemir Martins evidentemente é dos poucos que procuram pensar com a própria cabeça, dando pequena importância a pesquisas que caracterizam os decadentes, os que procuram fugir ao mundo que os cerca numa tremenda incapacidade (ou covardia) de luta.

Mais ou menos semelhante a Aldemir nesse aspecto é o expressionista Antonio Marx, auto-didata por excelência, atualmente numa nova fase ou melhor no início de uma nova fase. Abandonando aquela pintura escura e quase caricatural, que nada mais revelava que um recurso para não enfrentar certos problemas, entrou por uma fase construtiva. Antonio Marx pinta figuras de pessoas humildes, gente do povo que às vezes dá mostra de inquietação e revolta. Antes, suas figuras pretendiam muito movimento e seguiam apenas atitude, o que se revela ainda hoje no seu quadro n. 25. Atualmente porém, consegue impôr movimento às figuras, movimento que não se confunde com atitude. Mostram movimento e não simplesmente atitudes os dois desenhos muito bons (ns. 16 e 17), ou ainda o quadro n. 20 (trabalhado com muita paciência) e, ainda melhor, um gaúcho em que uma negra velha aparece borracha de vinho, o rosto estufado pela respiração cansada.

Claudio Abramo, jornalista e ilustrador, apresenta pouca coisa: alguns desenhos traçados à pressa e sem finalidades outras senão as de mostrar a um colega que estava sentado na mesma banca de trabalho. Pessoalmente é um inconformado; no entanto parece não conseguir paciência ou tempo para exprimir-se através da arte.

Enrico Camerini é um bom, um ótimo aluno de Aldo Bonadei. Falar dele seria falar de Bonadei porque até agora ainda não mostra tendência para fugir ao caminho asfixiante que o mestre lhe aponta. Portanto falemos rapidamente de Aldo Bonadei: É o mais típico representante da pequenaburguezia e com ele sucede o que sucede com uma classe que perdeu seus confidentes (o artista faz confidências e expede mensagens). A unidade primitiva se perde em fragmentos indi-

viduais e esta condição, por sua vez, passa a influenciar, a refletir-se na Arte pois o artista procura desde então a munir-se apenas do frio e formal conhecimento que às vezes pôde confundir-se com a sensibilidade (ah... bela sensibilidade essa que se manifesta diante de uma natureza morta quando há tanta criança triste em Ingazeiro — diria Aldemir Martins). Surge então o novo academismo. Novos alunos. Busca-se o extravagante ou se exagera um aspecto da arte até proporções incongruentes. No entanto, os trabalhos do jovem Camerini revelam capacidade; parece ser um jovem de futuro se quiser tentar pensar com a própria cabeça...

Eva Lieblich nasceu na Alemanha e se encontra no Brasil há menos de dez anos. Muito melhor nos gaúchos e aquarelas do que no óleo. Muita sensibilidade, o que se nota principalmente na aquarela n. 62.

Em notas subsequentes falaremos ainda de outros nomes, principalmente de Marcelo Grassmann — jovem brilhantíssimo embora quase nada profundo — e de Otavio Araujo, o mais seguro no grupo. E antes disso, pedimos a todos que dem um pulo até a Galeria "Prestes Maia", a fim de ver os trabalhos de Geo Amori, Charoux, Sacilotto, Maria Leontina Franco e outros. É uma bela exposição, principalmente no que se refere aos desenhos, nos quais transparece muito menos influência de uma geração que se finda com o findar da guerra e o nascer de um mundo novo.